

## APRESENTAÇÃO

# Comunicação e circulação entre a Idade Média e a Modernidade: debates, reconfigurações e análises sobre uma temporalidade em crise (sécs XII-XVII)

Neri de Barros Almeida\*

*\*Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil*

Ana Paula Torres Megiani\*\*

*\*\*Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil*

Maria Cristina La Rocca\*\*\*

*\*\*\*Università di Padova, Padova, Itália*

---

\*E-mail: [neri@unicamp.br](mailto:neri@unicamp.br)

<https://orcid.org/0000-0002-4279-4078>

\*\*E-mail: [megiani@usp.br](mailto:megiani@usp.br)

<https://orcid.org/0000-0002-3638-8567>

\*\*\*E-mail: [mariacristina.larocca@unipd.it](mailto:mariacristina.larocca@unipd.it)

<https://orcid.org/0000-0001-8634-9809>

DOI: 10.22456/1983-201X.144053

Anos 90, Porto Alegre, v. 31 – e2024100 – 2024



Este é um artigo Open Access sob a licença CC BY

Nos últimos 100 anos, a ideia moderna de mudança histórica determinada pela ação humana foi superada pela aceleração da vida pela tecnologia. Nos lances mais recentes desse “novo tempo” dois fenômenos podem ser observados. Por um lado, o arrefecimento da crença na mudança histórica. Por outro lado, o crescimento de um fatalismo retrógrado que, claramente, pretende arrastar as imaginações políticas para um Éden antimoderno, situado antes da emergência da frágil cultura dos direitos conquistada nos últimos 250 anos (TEITELBAUM, 2020). Tal idealismo conservador na contramão da liberdade (SNYDER, 2019) nos obriga a considerar com redobrado afincamento aquilo que ficou esquecido ou foi obscurecido no coração da modernidade. Com efeito, já há algum tempo, estudiosos têm chamado nossa atenção para a permanência, dessacralizada, de elementos próprios a um mundo que a modernidade sempre protestou superar (AGAMBEN, 2011; PRODI, 2019). Esse quadro reitera a importância – na justa consideração de nosso presente – de reflexões que se voltem para o enclive secular que dá respaldo à ideia de modernidade.

A cisão entre a obsessão pela novidade que caracteriza a modernidade (FALCON, 2000) e a invenção da consciência da mudança por meio do surgimento de um horizonte de expectativa (KOSELLECK, 2006) inaugura uma era de aceleração realizada pela pressão de agentes “não humanos”. A resultante perda de crença na mudança histórica cria um duplo desafio. Por um lado, a nossa capacidade de lidarmos com problemas cruciais que foram gerados por este movimento diante do qual estamos atualmente em posição de negação e ao qual chamamos modernidade. Por outro, a própria vontade de revisitar esse passado e de investir sobre ele esforços para o estabelecimento de reformulações abrangentes e inovadoras que nos permitam identificar elementos de reconstituição histórica que superem os impasses ora experimentados. É desse ponto de vista que o dossiê pretende reunir pesquisas que contribuam para a reflexão sobre o momento crucial de passagem entre a Idade Média e a Modernidade.

A tensão entre Idade Média e Modernidade é um tópico extremamente relevante da historiografia. Por meio dele se constrói um dos mais potentes alicerces da ideia de modernidade. As enormes e preocupantes crises da atualidade que vão dos extremos conectados da emergência do autoritarismo às crises ambientais fortaleceram questionamentos relativos a esse período. Estes se situam em um largo espectro que, em linhas gerais, pode ir da dissolução de suas fronteiras à sua reafirmação por meio dessas mesmas crises, passando por uma crítica da visão que se limita a acrescentar elementos à sua configuração.

O lugar histórico estratégico em que a ideia de modernidade é erigida, como mostra Pierre Charbonnier (CHARBONNIER, 2021), é fundamental para a compreensão e solução das crises de nosso tempo, notadamente por meio da política e da cultura. Na resposta a esse cenário, pretendemos reunir pesquisadores cujos estudos ajudem a reconfigurar a compreensão da passagem entre a Idade Média e a Modernidade, iluminando novos aspectos e apontando para novas sínteses.

É interessante refletir sobre o fato de que a ideia de Modernidade (*Modernus, modernitas*) foi cunhada no século VI, como uma verdadeira inovação lexical, por Cassiodoro, ministro do rei Teodorico da Itália. No interior das *Variae* – a correspondência dos reis godos –, a expressão *moderno tempore* aparece precisamente como um aspecto marcadamente cronológico, que organiza de forma orgânica a herança do passado e a reformula de acordo com as novas necessidades do presente. Se, por um lado, é uma expressão que busca medir a distância e a descontinuidade, por outro, ela é utilizada para sinalizar que o passado constitui a base fundamental da experiência de renovação.

Os artigos reunidos resultam de pesquisas recentes que desenvolvem debates, reflexões e análises por meio da compreensão de acontecimentos, fenômenos, autores ou grupos documentais relativos ao domínio da comunicação e da circulação em diferentes dimensões da esfera espacial supralocal. Por meio das diversas contribuições, o leitor é levado a indagar-se como, entre os séculos XII e XVII, pessoas, objetos e textos constituem, ou davam consistência a redes de comunicação e comunidades, qual seu envolvimento com processos de mudança e como podem nos ajudar a requalificá-los.

Nesse sentido, saberes médicos acerca da saúde do monarca de Aragão, perscrutados a partir da análise da correspondência oficial de Arnaldo de Vilanova e Guillem de Béziens na passagem do século XIII para o XIV se encontram com indagações sobre as relações entre a lírica galego-portuguesa e a tradição occitana em ambiente de produção poética cortesã lusitana do mesmo período, ou ainda os usos que fizeram os cronistas portugueses Fernão Lopes e Gomes E. de Zurara das correspondências de rainhas portuguesas da segunda metade do século XIV e primeira do XV.

As fraturas políticas do Portugal brigantino pós-restauração se aprofundam no estudo a respeito das reflexões de D. Francisco Manuel de Melo sobre a situação trágica da governança do reino de Portugal na segunda metade do século XVII, abordada em *Epanaphora Tragica Segunda* a partir do episódio do naufrágio da armada de D. Manoel de Meneses que se desenvolvem em semelhante contexto àquele da *Clavis Profetrum* do Padre Antonio Vieira que reflete acerca das opiniões dos teólogos europeus sobre temáticas americanas.

O estudo sobre permanência das cerimônias rituais de preito e menagem, oriundas da tradição europeia, e suas práticas na América portuguesa dos séculos XVII e XVIII converge para a reflexão apresentada sobre a hipotética relação diplomática entre o rei do Congo e o Preste João no século XVII na sempre persistente busca de fortalecimento da fé católica, ambos, entrecruzando-se com a leitura do *Livro dos Mártires*, de Jean Crespin, na tentativa de refletir sobre aspectos da continuidade e inovação.

Por fim, a retomada da reflexão sobre o Renascimento como conceito ou tempo histórico que definiu a modernidade completa o dossiê como um chamado à atualização do debate e da temática aqui enunciada.

Com efeito, entre os séculos XII e XVII observamos grandes movimentos comuns no espaço (arroteamentos, cruzadas, missões, expansão da navegação do comércio e da indústria, estabelecimento de colônias e de postos comerciais, transformação de ambientes naturais e sociais, entre outros) que acontecem ao mesmo tempo que mudanças nas dinâmicas culturais e políticas de grande impacto, seja nos limites do Mediterrâneo ou a partir deles. Os modos pelos quais essas experiências dialogam em uma via de reconstituição histórica capaz de apoiar nossa compreensão do presente é a questão geral para a qual este dossiê buscou contribuir.

Por meio desses elementos e dessa cronologia, acreditamos ainda que seja possível promover uma reflexão sobre os limites usuais da chamada “primeira globalização”, enfrentando o debate acerca de dois conjuntos de problemáticas que marcam o pensamento histórico. Por um lado, aquelas que tomaram espaços como fronteira e limite de dispersão, e, por outro, aquelas que valorizaram a ruptura com a Idade Média como elemento fundamental na abordagem da modernidade. Com isso não se pretende negar mudanças e, mesmo, fissuras, mas abrir a perspectiva para a avaliação das relações entre Idade Média e Modernidade a partir de experiências concretas vividas por sujeitos e objetos envolvidos em processos de comunicação e circulação.

O efeito dos grandes deslocamentos e da regularidade dos contatos que se consolida no período, neste dossiê, incide sobre dois universos em particular: os instrumentos de governo – em que se sobressai a insistência no recurso à ideia de império – e a prática da escrita, seja ela ficcional, histórica, pessoal, administrativa ou pastoral. Nos casos aqui reunidos, nota-se entre os séculos XII e XVII, menos uma ruptura do que uma inflação das experiências, instrumentos e formas de organização mais particularmente afetadas ou necessárias à exploração das oportunidades percebidas por alguns. Não por acaso, o terceiro elemento a se destacar no dossiê é o aumento da tensão e da abrangência das disputas. Por fim, um novo patamar da interação entre a potência do mundo material e o desejo humano de controlá-la emerge dessas reflexões sobre comunicação e circulação.

## References

AGAMBEN, Giorgio. *O reino e a glória*. Uma genealogia teológica da economia e do governo. São Paulo: Boitempo, 2011.

CHARBONNIER, Pierre. *Abundância e liberdade*. Uma história ambiental das ideias políticas. São Paulo: Boitempo, 2021.

FALCON, Francisco J. C. *Tempos Modernos*. Ensaios de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC; Contraponto, 2006.

PRODI, Paolo. *Uma história da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

SNYDER, Timothy. *Na contramão da liberdade*. A guinada autoritária nas democracias contemporâneas. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

TEITELBAUM, Benjamin. *Guerra pela eternidade*. O retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.